



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
TERAPIA OCUPACIONAL

MARIANNA DO PRADO SAMPAIO

“PROSAS PARIDAS”: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM RODA DE CONVERSA
COM PARTEIRA TRADICIONAL.

Brasília

2014

MARIANNA DO PRADO SAMPAIO

“PROSAS PARIDAS”: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM RODA DE CONVERSA
COM PARTEIRA TRADICIONAL.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof. Ms. Josenaide Engracia dos Santos

Coorientadora: Prof. Dra. Rosamaria Giatti Carneiro

Brasília

2014

MARIANNA DO PRADO SAMPAIO

“PROSAS PARIDAS”: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM RODA DE CONVERSA
COM PARTEIRA TRADICIONAL.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Josenaide Engracia dos Santos

Universidade de Brasília

Prof. Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Universidade de Brasília

Brasília, ____ de _____ de _____.

*Na roda da cura eu vou
Eu vou pra dentro de mim
Na trilha da luz eu sou
A sombra dos cantos de mim
Meu mestre seja quem for
Me ensine a compreender
Me ensine a não temer
A verdade que trago em mim.*

Canto popular de cura (autor desconhecido).

Sumário

1. PROSAS PRELIMINARES.....	6
2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	7
O lugar.....	7
A roda.....	9
3. AS EXPERIÊNCIAS.....	9
“Eu tinha um corpo na frente desses médicos”.....	9
Parirás na dor?	12
Práticas de cuidado.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

Prosas Paridas*: Relato de Experiência em Roda de Conversa com Parteira Tradicional em Taguatinga, DF.

*Série de vídeos sobre parto, produzida pelo coletivo Eu Livre de educação e saúde.

Prosas preliminares

Todos se acomodam do jeito que acharem melhor, tem cadeiras, almofadas, tapetes, colchonetes, tudo organizado de forma circular. Antes de entrar, o que se avista é um espaço convidativo de paredes coloridas e, por vezes, sente-se da rua o cheiro dos incensos, das plantas e das ervas. Vê-se ainda, o brilho da vela acesa que fica disposta no centro do círculo. Mulheres, homens, jovens, adultos, idosos, todos, hora ou outra, configuram o grupo que uma vez por mês se reúne para ouvir, perguntar, aprender e compartilhar em uma roda de conversa com uma parteira tradicional.

A roda tem sua origem na iniciativa popular e se caracteriza como uma roda aberta de conversa sobre parto, maternidade e outros temas que se relacionam com o universo feminino. Foi gestada e concebida pelo coletivo Eu Livre de educação popular e saúde, criado em 2011, fruto da insatisfação de uma das idealizadoras do coletivo com o cuidado prestado pelos serviços de saúde oficiais. A roda se propõe a percorrer caminhos coletivos pautados nos saberes da educação popular, e em uma teoria construída de forma coletiva (VASCONCELOS, 2013), que é caracterizada como um jeito de estar no mundo e de estabelecer relações humanas e sociais pautadas na crença no homem e na sua capacidade de mudança, guiada por um princípio ético organizativo, que pela reflexão conjunta, promove a cidadania (Melo Neto apud Cruz, 2013).

A proposta do Eu Livre é utilizar a educação popular no âmbito da saúde, e percorrer segundo Ayres (2004), trajetórias e projetos de vida que apontam seres humanos como constituintes de seu próprio existir e, portanto, singulares, ou seja, é a reconstrução ética, técnica e política do cuidado em saúde, tendo como traços principais a noção de projeto de vida, a construção da identidade, a confiança e a responsabilidade.

Apesar de a roda ter o objetivo inicial de ser uma roda aberta de conversa sobre temáticas do universo feminino é indiretamente também uma prática de cuidado, que influencia a vida/existência de quem participa. Dessa forma, o presente trabalho busca relatar as experiências/vivências proporcionadas pelos encontros da roda de conversa.

Trajectoria metodológica

O presente trabalho é resultado das experiências e vivências da pesquisadora em seu campo de estudo, trata-se de um relato de sua experiência de participação na roda e, portanto, um relato de si, de sua subjetividade e também dos desdobramentos da pesquisa em sua própria trajetória de vida, o que torna óbvio o caráter imersivo da experiência. Contudo, não se trata de uma simples descrição de fatos e eventos, busca-se refletir sobre eles e sobre os discursos a eles atrelados por meio da observação participante.

A observação participante diz respeito à inserção do pesquisador no local de pesquisa junto ao grupo observado, tornando-se parte dele, ou seja, “integrando o observador à sua observação e o conhecedor ao seu conhecimento” (QUEIROZ *et al* 2007, p. 278). Assim, a observação participante valoriza a interação social e pode ser realizada de forma descritiva ou dirigida. No presente trabalho, priorizou-se a observação participante descritiva, que é realizada de forma livre (MINAYO, 2008) e a sistematização da experiência que tem seu ponto de partida na apropriação e elaboração do que é vivido, compartilhando com outros o aprendido e dando sentidos históricos e contextuais aos fatos vivenciados, dessa forma, trata-se de uma sistematização que “tem a capacidade de converter a própria experiência em objeto de estudo e de interpretação teórica e, ao mesmo tempo em objeto de transformação” (Simon, 2007, p. 2).

Para o registro das vivências da roda foi utilizado o diário de campo, cujo registro ocorreu de duas formas, uma “reflexiva” e outra “descritiva”. Em um primeiro momento foi redigido um diário de campo que contém tanto a reflexão dos fatos e eventos, como a descrição dos mesmos.

O segundo momento se refere à interpretação de tudo que foi observado, dos conceitos e relações envolvidos e a busca por adensamento teórico, partindo do primeiro nível das falas, dos sentimentos e pensamentos envolvidos para, então, um nível que ultrapasse os sentidos manifestos (MINAYO, 2008). O terceiro momento se resume às considerações sobre a experiência.

O Lugar...

O encontro com o local ocorreu há muito tempo atrás, ainda na época do ensino médio. Uma amiga fez o convite para conhecer o Mercado Sul e o encanto por ele começou mesmo antes de conhecê-lo, era claro pra mim que deveria haver alguma

semelhança do tal Mercado com a amiga do convite, ela é colorida desde que a conheci e imaginei que os lugares que frequentava também o fossem, enfim, este fato foi confirmado quando conheci o lugar, passei uma tarde lá e saí com a vontade de que aquilo, um dia, fizesse parte da minha realidade.

Tempos depois, já frequentando a universidade, resolvi buscá-lo novamente e vi ali a possibilidade de realização deste trabalho. Conheci as meninas do Eu Livre, e em meio a tantas possibilidades de pesquisa, manifestei minha vontade de entender o que acontecia na roda de conversa com a parceira Ritta, um espaço que havia me chamado muita atenção. As meninas aceitaram a proposta com grande entusiasmo e a partir de então se deu início à parceria e ao trabalho propriamente dito.

A pesquisa foi realizada no Espaço Cultural Mercado Sul, em Taguatinga – DF. No período da construção de Brasília, na cidade de Taguatinga, havia um espaço conhecido como mercado sul, caracterizado por diversas pequenas lojas que mantinham o comércio local. Com a criação e o sucesso dos grandes supermercados o espaço foi perdendo sua clientela e ficou em desuso, se tornando um ponto de venda e consumo de drogas no período entre os anos 1970 e 1980. Com sua diferente arquitetura, já que é uma das poucas ruas fechadas da cidade, o mercado sul, na década de 1990, passa por um processo de revitalização realizado por alguns moradores artistas e por militantes da cultura popular, o que o caracterizou como o “Beco das Artes/Cultura”, hoje mantido pela economia solidária.

Em 2012, criou-se o Espaço Cultural Mercado Sul - ECMS, localizado em uma rua ao lado do mercado sul, resultado da organização de quatro Coletivos: Eu livre – educação popular e saúde; Grupo de Capoeira Semente do Jogo de Angola Brasília; Casa Moringa (grupo de educação popular) e Estúdio Gunga. Este espaço é mantido de forma colaborativa e autônoma pelos participantes e parceiros das práticas oferecidas.

O coletivo Eu Livre, criado em 2011, foi pensado a partir da insatisfação com o cuidado oferecido pelos serviços de saúde e foi se baseia na educação popular, que de acordo com Paulo Freire (1991 p.19) se caracteriza como “o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica”. O coletivo oferece mensalmente atividades à comunidade, são elas: a massoterapia, auriculoterapia, reiki, aulas de yoga e uma roda aberta de conversa sobre parto, ciclos femininos, maternidade e outros assuntos relacionados. Ele também organiza uma série de vídeos denominada “Prosas Paridas”, que busca relatos de mulheres que trabalham com parto e ainda realiza algumas práticas e oficinas pontuais, tais como a oficina de

suco verde e a vivência de ginecologia autônoma oferecidas nos meses de setembro e novembro de 2014.

A Roda...

A roda de conversa é aberta e participam, em média, vinte pessoas por encontro, em sua maioria mulheres que chegam ao grupo por demanda espontânea ou por indicação de algum conhecido. Os participantes são, geralmente, pessoas envolvidas de alguma forma com o processo de gestação, com idade acima de dezoito anos, tendo também pessoas dispostas a obter informações e aprender sobre o assunto. O grupo se encontra toda última quarta-feira do mês, das 19h às 22h. A roda tem como principal característica a interatividade e suas discussões se baseiam tanto nos conhecimentos da facilitadora, como na experiência dos participantes sobre os assuntos abordados.

Ritta é a facilitadora da roda e ajuda na condução das discussões. É uma mulher de estatura baixa, com cabelos grisalhos e presença forte, é mãe, avó e se reconhece como parteira tradicional há mais de vinte anos. O modo como a conversa se desenvolve reflete tanto o grupo, como as peculiaridades da facilitadora no que diz respeito à metodologia utilizada para ampliação do diálogo e explicação/discussão dos temas. Para a rodada de apresentação dos participantes Ritta pega um objeto, que geralmente é um ramo de erva ou trigo, chocalho, objetos rústicos ou naturais, se apresenta e pede que se diga nome, de onde vem e quais questões gostaria de levantar ou conhecer. Ao se apresentarem, falam um pouco de suas vidas e vivências e a partir de então se dá início à roda. Os temas são desenvolvidos em meio a encenações, a ilustrações com objetos, desenhos em quadro branco, canções, danças e o que mais se fizer necessário.

As experiências

Ao participar dos encontros, noto que três temas permeiam as discussões na roda: o corpo; a mulher e o feminino; e práticas de cuidado. Embora eles estejam fortemente relacionados, abordarei em tópicos cada um deles com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor.

“Eu tinha um corpo de vantagem sobre esses médicos”.

A frase acima, utilizada para ilustrar a temática do corpo, foi retirada de um depoimento do texto *Parto, resistência, raça e classe social* (MARTIN, 2006). A frase é de Janice Sanderson, cujo contexto é a explicação de seu próprio trabalho de parto e sua resistência em ser submetida à cirurgia cesárea. A enunciação traz à tona duas questões importantes, uma diz respeito ao conhecimento do próprio corpo e a outra a como este fato pode ajudar no estabelecimento de uma maior autonomia sobre ele. Estas questões são de extrema importância à discussão que se segue.

Na roda, o corpo sempre tem muita relevância, principalmente o corpo da mulher, que é o lugar da gestação, da menstruação, do aleitamento, do colo, da disposição ao outro, assuntos que são amplamente abordados nas discussões. É muito presente nas falas da Ritta a necessidade da “autopermissão”, acesso ao próprio corpo e sua relação com autoconhecimento. Tocar o colo do útero é apresentado como uma prática que não deve se restringir ao médico ginecologista, ou ainda, a posição em que se tem maior abertura pélvica, que facilitará o processo de parir, não poderá ser sentida no corpo de outra pessoa, assim, para que esse corpo seja conhecido é necessário que ele seja vivenciado, experimentado, para que assim se torne um corpo familiarizado.

Na maioria das vezes, o corpo só é percebido em situações de gozo ou dor e o acesso a ele se restringe a busca de sensações prazerosas ou eliminação das que geram desconforto. No mover do corpo em um dos encontros da roda, tivemos a experiência de uma atividade em que uma mulher ficou de quatro para demonstrar uma explicação, era a ilustração de uma prática da parteira usada nos casos em que o bebê se encontra em uma posição desfavorável ao nascimento, o procedimento consiste em envolver o quadril da mulher com um pano e em seguida sacudi-lo. A surpresa foi que ao ver a cena senti-me desconfortável (não sei se me sentiria da mesma maneira se fosse um homem fazendo a posição), pois este fato me remeteu à posição sexual, à submissão, me fez achar que aquilo não deveria ser feito ali e não deveria ser público, pois parece algo privado, intocado, tabu. A situação me lembra Freud (1931) e Lacan (1985), quando afirmam que a posição feminina implica o abandono da posição de sujeito para colocar-se no lugar de causar o desejo de um homem; ou seja, na fórmula da fantasia, lugar do objeto. A mulher pareceu ocupar uma posição de assujeitamento e de certa forma, rebaixamento, gerando grande desconforto em mim e me fazendo notar também que minha percepção sobre o corpo ainda é muito restrita.

A relevância que o corpo ganha nos encontros da roda parte da percepção de que corpo e mente caminham juntos na construção de conhecimentos e, assim, a maneira típica de colocar-se no mundo por meio da racionalidade amplia-se e torna-se um lugar que se assume também fisicamente. Csordas (apud Martins 2011, p. 5) defende que “é preciso elevar o corpo à condição de sujeito da cultura” por meio de um “colapso” da dualidade mente e corpo, em que somente um é capaz de apreender e interpretar o que se vive, enquanto o outro fica restrito à condição de objeto. Na roda, o corpo surge como lugar de construção de conhecimentos, busca dividir as tarefas e retirar a soberania da razão acerca dos processos de aprendizagem e compreensão do mundo.

Para Rui Chamone (1995), os conhecimentos são construídos a partir de movimentos que pertencem tanto à esfera mental, quanto à biológica e a somatória das duas é o que possibilita a consciência de que algo existe. Partindo tanto de um como de outro, essa construção é possível, pois o corpo oferece subsídios para a mente pensar e esta para o corpo mover-se. Já de acordo com Le Bretton (apud Martins, 2011, p.5) “antes de qualquer coisa, toda a existência é corporal”, ou seja, a experiência corporal é o ponto onde se inicia a percepção de si e da sociedade. Embora de maneiras diferentes, os dois autores defendem o papel do corpo no processo de conhecer, que justifica a atenção dada a ele nas vivências da roda.

Dessa forma, como é no corpo que as situações discutidas na roda ocorrem, nada mais justo que ele próprio protagonize a explicação. Ao invés de utilizar imagens ou recursos tecnológicos, a facilitadora propõe o uso do corpo em primeira pessoa para experimentar a ilustração, assim, ela chama alguns participantes e dá a eles papéis na representação da situação de parto, por exemplo, os braços de uma formam o útero, outra ilustra a placenta e à outra fica o papel de feto, enquanto ela conduz o procedimento. Conforme a encenação do trabalho de parto se desenvolve, dúvidas vão sendo esclarecidas, como àquelas a respeito da dilatação, contrações uterinas, rompimento da placenta, etc. A encenação como recurso metodológico para explicação das questões levantadas é comum nos encontros da roda, desde que o tema ou dúvida possam ser explicados dessa forma e se caracteriza como facilitador que auxilia na compreensão dos participantes.

De acordo com Martins (2011) o espaço corporal não é um campo neutro, mas carrega valores que deixa transparecer, tornando-se assim, um campo expressivo. A encenação realizada para representar o trabalho de parto, por exemplo, revela um conhecimento prático, uma aprendizagem prática vivenciada no corpo e pelo corpo,

lugar em que o *Habitus*, conceito introduzido por Mauss e posteriormente reformulado por Bourdieu pode se dar:

Habitus diz respeito à absorção de formas corporais e de posturas, que, em longo prazo, acabam por tornar-se um sistema operatório, um sistema visível de conhecimento e reconhecimento, uma substância, com qualidades sensíveis e explicitáveis, capazes de dar uma visão de conjunto do indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Essa materialização pressupõe a ação no tempo, traz implícita a história. Pressupõe a incorporação, o tornar-se corpo (MARTINS, 2011, p. 9).

Dessa forma, acessar o próprio corpo é também acessar a própria história e as incorporações de gestos e posturas que fazem parte do repertório de vida dos sujeitos, o que possibilita tanto um conhecimento de si como do meio em que se está inserido e a ampliação de uma consciência crítica acerca do que se quer manter, ressignificar ou incorporar a existência. Esse processo começou a fazer sentido pra mim nos encontros da roda onde comecei a notar mais meu corpo, meus processos físicos e modos como me apresento às outras pessoas. É possível perceber dores que não achava que existiam ou a posição em que me sinto mais confortável e, ainda, as saídas posturais que meu corpo encontra para amenizar dores e incômodos tanto físicos, como subjetivos. No momento de explicação sobre as aberturas pélvicas, por exemplo, em que a maior delas facilita a saída do bebê, todos são convidados, homens e mulheres, a verificarem em qual delas se sente a maior abertura. Fato interessante é que a posição em que a abertura é menor é justamente a de decúbito, em que a mulher fica deitada, posição mais comum em partos realizados em hospitais. São práticas como essas que nos possibilitam uma maior consciência de nossa corporeidade e é essa consciência que favorece a ampliação da autonomia das pessoas sobre seus corpos.

Parirás na dor?

O período pós-moderno tem sido caracterizado pela seguinte frase: o mundo virou de cabeça pra baixo. As mudanças percebidas no que diz respeito à identidade da mulher contemporânea justificam um pouco de seu uso. Com maior liberdade e independência nos dias atuais, a mulher ocupa um espaço em que suas preferências e vontades podem estar presentes em assuntos de discurso público. A pós-modernidade traz à mulher uma multiplicidade de oportunidades e escolhas, traz a possibilidade de análise, de conhecer a si, seu corpo, sua vida e o que fazer dela (VIEIRA, 2005).

É partindo da possibilidade de expressar-se, que acontece na roda uma ressignificação do corpo feminino. Depois de permitido, notado e acessado, a esse corpo

ocorre a possibilidade de produção de significados que partem mais intimamente da experiência que da objetivação realizada por outras pessoas. É interessante notar uma espécie de emancipação feminina presente nos discursos, com questões que partem de si para si e não mais em comparação com o masculino, como se o corpo feminino passasse a ter uma existência própria e não dualista. Para tanto, surge como um corpo essencializado, ou seja, cuja natureza é gestar, parir, menstruar, ser generoso, doar-se ao outro, questões que são levantadas como prioridade a partir de uma mudança de perspectiva sobre o feminino. A menstruação, por exemplo, deixa de ser aquele período chato, com cólicas, inchaços e preocupação com vazamentos e se torna um espaço de intimidade, de integração com a natureza, de reflexão. As fases da lua passam a ter importância e a TPM e as cólicas são uma crítica ao modo de vida da mulher, quanto mais estressada mais difícil será e as dores aumentarão.

Já na rodada de apresentação, algumas falas surgem relacionadas ao ser mãe como sendo a descoberta do feminino. No último encontro da roda, Val, parteira baiana, foi convidada a participar e algumas de suas falas relatavam uma espécie de natureza da mulher: “*ser mãe é disponibilidade; nascemos para isso (parir)*”. As falas surgiram em um momento da conversa em que discutíamos sobre maternidade, que aparece como um processo exclusivo da mulher e da natureza feminina e justifica o parir como algo que faz parte do que é ser mulher.

O interessante é que a crítica que o feminismo propõe acerca do lugar social que homens e mulheres ocupam, se baseia justamente na ideia de que esses lugares se fundam numa ordem artificial e que, portanto, podem ser modificados, possibilitando que mulheres ocupem os mesmos lugares que os homens. Contudo, análises feministas recentes alegam que o ideal de igualdade de direitos “é profundamente enviesado por uma visão masculina do ser humano” (SORJ, 1992, p.145). Esta reflexão feminista defende que a incorporação das mulheres ao meio público implica no abandono de uma identidade que lhe seria particular, que diz respeito a cultivar interdependências e a construção de “relações morais baseadas nos cuidados com os outros”, enquanto os homens dão mais valor a separação e independência (GILLIGAN apud SORJ, 1992, p. 145). Assim, as bases da crítica ao “feminismo da igualdade” são o reconhecimento que este feminismo custa caro às mulheres, que são diferentes dos homens por terem outros tipos de valores, que quando submetidos à lógica do mundo público geram um conflito de identidade devido a exigências que são contrárias à natureza feminina. As mulheres então percebem que não basta o simples acesso às funções tipicamente masculinas para

que a igualdade se estabeleça e ainda, que sendo unilateral, essa integração não implicará em liberdade. A partir deste mal-entendido acerca do ideal de igualdade, as mulheres passam a descobrir a cultura feminina baseada fundamentalmente na experiência da maternidade, de cuidados e responsabilidade com a vida de outro ser (SORJ, 1992). A partir de então, no que diz respeito aos homens:

"(...) a contestação feminina anuncia que as mulheres não são inferiores, mas também não são iguais a eles e que essa diferença, longe de representar uma desvantagem, contém um potencial enriquecedor da cultura". (OLIVEIRA apud SORJ, 1992, p. 145)

Partindo desta compreensão, cabe às mulheres dizer a sociedade a riqueza do universo feminino, que se manteve oculta por não ser reconhecida pelas próprias mulheres. Entretanto, o que se procura argumentar contrariamente a essas ideias é que o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, que Laraia (2001) vai chamar de *endoculturação*. Para ele são óbvias as diferenciações anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres, mas não é aceitável que as diferenças de comportamento sejam consequência de um determinismo biológico, mas ao contrário, é resultado de uma educação diferenciada, que não necessariamente se baseia na racionalidade biológica e sim em uma determinação cultural. Margaret Mead (1962), em seu livro *sexo e temperamento*, analisa como ocorre o condicionamento das personalidades de homens e mulheres em diferentes culturas. A autora revela que os traços de personalidade ditos femininos ou masculinos são dinâmicos, variam de uma cultura pra outra e são frutos de um condicionamento social, ao invés de fazerem parte de uma natureza dita biológica relacionada aos sexos.

Contudo, o que ocorre na roda é o uso de uma naturalização do corpo feminino, a partir de uma releitura positiva acerca do que seria a natureza feminina. Valoriza a diferenciação natural entre os sexos e como consequência ocorre a valorização dos processos biológicos ditos serem da natureza da mulher. Esse processo de valorização foi vivenciado por mim a partir dos encontros da roda. Refleti sobre boa parte do que antes encarava com dificuldade como é o caso da menstruação, das cólicas, do parto e a dor indescritível que o parir parece carregar, ou mesmo da TPM e a ideia de que se trata de um período de inchaços no corpo, grande sensibilidade e pouca paciência. Essas questões passaram a ser uma possibilidade de conexão com meu feminino e com a natureza. Algumas falas das parceiras Ritta e Val remetem a mulher à natureza e a comparam com a terra, com a grande mãe, porque ambas cultivam, são generosas e curativas. Fala-se muito também sobre as influências das fases da lua nos ciclos da

mulher e de processos naturais para a harmonização de conflitos, sejam eles na hora do parto, na menstruação, na TPM ou mesmo no dia-a-dia, são eles o uso de ervas e chás, cantos, exercícios de alongamento, conversas, alimentação, dentre outros.

O encontro em que Val estava presente foi um dos que reuniu mais pessoas e também um dos mais emocionantes. Foi iniciado por ela com um canto forte que falava sobre cura e provocou o choro em muitas mulheres, pois nos encontros da roda a gestação e o parto deixam de ser caracterizados somente pelos enjoos, dores e contrações, mas são vistos, também, como uma oportunidade de cura. Ritta afirma que na hora do parto, questões conflituosas sobre sexualidade, feminino, sobre ser mulher ou ainda conflitos familiares, dentre outros, podem surgir e interferir no processo de parir, que pode se tornar mais longo, mais doloroso e difícil, mas que, por outro lado, proporciona a possibilidade de resolução desses conflitos, são questões que surgem e que precisam ser harmonizadas para que o nascimento ocorra. Uma fala de Ritta é bastante ilustrativa sobre esse assunto: *“se a dor ocorre no corpo, a elaboração dessa dor só pode ocorrer no corpo”*. Nesse momento, Ritta se refere ao parto e exemplifica com uma situação que vivenciou ao acompanhar uma gestação. No momento do parir, a mulher que já havia iniciado o processo de parto há muitas horas atrás não alcançava a dilatação necessária para que o bebê nascesse, Ritta faz algumas perguntas e descobre que a mulher foi vítima de abuso sexual e que esta questão desencadeada pelo parir precisa ser elaborada para que o nascimento aconteça, assim, Ritta auxilia a mulher e algum tempo depois a questão se harmoniza, o bebê nasce e o trabalho de parto termina. A rotina do parto realizado por uma parteira, a intimidade e parceria a que se propõe são fundamentais para a construção de um conhecimento e de uma prática sobre o partear que valorizam a história de vida da mulher e ampliam as possibilidades de significação de seus processos, dando sentido ao que é vivenciado. Dessa forma, o parir, apesar de ainda parecer muito doloroso para mim, agora carrega consigo uma possibilidade de reconciliação com questões antes desconfortáveis.

Ainda sobre o parto, Ritta sabiamente questiona a sentença bíblica “parirás na dor” que se refere às consequências que recaíram sobre a mulher após ter comido o fruto proibido, na história que aponta o criacionismo como origem do mundo. Ritta diz que essa sentença carrega *“a doença maior, nossa doença geral, que é a da sexualidade, uma dor da humanidade que é bem expressa no parto”*.

Assim, é interessante notar uma suposta independência do corpo feminino em relação ao mundo social, que surge a partir da resignificação do que seria a natureza da

mulher, mas principalmente, pela existência de um espaço de discussão em que essas questões podem ser legitimadas e valorizadas, favorecendo o processo de emancipação da mulher, emancipação esta que “se conquista na solidariedade e na participação, isto é, o conhecimento-emancipação é um processo incessante de criação de sujeitos capazes de reciprocidade.” (FERREIRA, 1999, p. 252).

Embora esta releitura do que seria a essência da mulher e do feminino tenham repercutido de maneira positiva na vida de algumas delas, essa ressignificação é feita dentro de uma sociedade ainda com bases de poder patriarcais e cristãos, nas quais é o homem quem domina a natureza, e é nessa sociedade que o avanço tecnológico continua a inventar o que é ou deixará de ser natural (WAGNER, 2010). No que diz respeito ao que seria a natureza da mulher, por exemplo, contrariamente à positivação dos processos femininos existe atualmente a possibilidade de não se sentir dor durante o parto, de não menstruar e ainda a possibilidade de que bebês sejam gestados em úteros artificiais.

Práticas de cuidado

Diante da experiência de adoecimento não são somente os profissionais do sistema de saúde que fazem parte do itinerário de busca pela cura. Segundo Leite e Vasconcelos (apud Oliveira e Moraes, 2010, p. 416) “cerca de 70 a 90 por cento dos tratamentos de saúde ocorrem nas famílias”. As práticas populares de saúde são comumente utilizadas pelas famílias brasileiras, e seus conhecimentos são passados de geração em geração e, aparentemente, as mulheres são as principais responsáveis por esta passagem. O conhecimento exercido pelas parteiras é um exemplo disso. A partir das observações dos acontecimentos da roda é possível perceber que se trata de um conhecimento que envolve saberes e cuidados com dinâmicas de intimidade e de conexão com a parturiente, partindo de uma espécie de colaboração mútua que pressupõe liberdade e dedicação de todos que participam do processo. Entretanto, a busca por cuidados populares de saúde, como no caso das parteiras, tem representado um símbolo de resistência à medicalização do corpo feminino exercida pelo atual modelo de cuidado médico relativo ao planejamento familiar, à gestação e ao parto. De acordo com Vieira (apud Oliveira e Moraes, 2010, p.417):

(...) a prática obstétrica desloca o conhecimento sobre o corpo da mulher do âmbito das parteiras para o dos médicos, caracterizando a sua medicalização. Esta medicalização induz o corpo feminino a um processo de

‘doencificação’, o qual consiste em tratar processos biológicos naturais da mulher como distúrbios, doenças. A medicalização “trata a gravidez e a menopausa como doença, transforma a menstruação em distúrbio crônico e o parto em um evento cirúrgico.”.

Algumas falas de participantes da roda exemplificam que é a busca por outros modos de cuidado, mediante a insatisfação com os meios oficiais, que justificam sua participação nos encontros. Uma dessas falas relaciona a cirurgia cesárea a uma espécie de “ditadura médica”, enquanto um outro participante justifica: “Vim para desconstruir o parto cesáreo”.

Apesar das propostas de humanização do parto no Brasil, Ritta atenta para o fato de que os mesmos processos impessoais que ocorriam antes, ainda estão presentes no contexto hospitalar, ou seja, a mesma lógica que ocorria com o universo da cirurgia cesárea continua a acontecer com o parto que se propõe “humanizado”, continuam não existindo pessoas ao lado da mãe, apesar de agora existirem bolas para auxiliar a abertura pélvica e chuveiros. Assim, é possível notar que mudaram as técnicas, mas não mudaram as bases do cuidado. Ritta diz ainda que existe um comércio violentíssimo em cima da gravidez e do parto, principalmente no que diz respeito a cirurgia cesárea, e diz que é um risco a mulher se tornar gestante hoje, no Brasil, porque o sistema de saúde ainda é muito ruim no que se refere ao respeito e cuidado com a mulher. A partir de suas experiências, Ritta menciona também que existe uma espécie de marginalização do parto domiciliar: não se pode dizer que está em parto domiciliar se chegar a fazer a transferência pra um hospital, pois muitas críticas são feitas sobre a situação.

A partir das diversas críticas presentes nos discursos e temas da roda sobre os meios oficiais de cuidado da mulher, qual seria então o lugar da cirurgia cesárea em um universo de prática popular de saúde? E que lugar ocupa o saber médico numa conversa com uma parteira? A resposta é que se trata de outra metodologia, o conhecimento popular do partejar parte de outras bases de cuidado, outros recursos são utilizados e outros discursos são feitos. Fala-se muito sobre autoconhecimento, percepção e suas necessidades, são construídos discursos críticos sobre capitalismo, patriarcado, poder, etc. que às vezes soam meio dogmáticos, mas que dizem respeito a discursos que são construídos a partir de outras referências sobre corpo, saúde, bem estar, e que são legitimados nesse na roda. Os dois modelos de cuidado têm, ao menos teoricamente, os mesmos propósitos: cuidar, prevenir, tratar e promover a saúde, etc. Porém, a roda se propõe a desenvolver e estabelecer um discurso em que as práticas de cuidado se deem de outra forma e um discurso no qual a mulher é protagonista, por meio tanto da

resistência à medicalização de seu corpo, como da valorização da mulher e seu feminino, discursos estes em que o homem e o masculino assumem o papel da disponibilidade à mãe. Mas ainda assim, apesar de serem feitas muitas críticas relacionadas ao modelo de cuidado presente nos serviços de saúde, tanto Ritta, como Val reconhecem o valor e a necessidade da cirurgia cesárea e de algumas das metodologias utilizadas pelo modelo oficial, como o pré-natal e a ecografia. Val, em uma de suas falas se refere à cesárea como “bendita cesárea”, imprescindível em algumas situações de complicações no parto. A crítica real é sobre a massificação da cesárea, sobre algumas metodologias e concepções filosófico-práticas que embasam o modelo, como as referentes ao corpo, saúde, adoecimento, cura, etc.

Para que espaços como este existam, as bases teórico-práticas sobre cuidado precisam ser outras. É a partir da referência da relação entre experiência vivida e valor e entre sentido e significado que se assetam as propostas de cuidado relativas às recentes propostas de humanização (AYRES, 2004), ainda pouco encontradas em nossa sociedade.

Considerações finais

É nesse contexto que, apesar de não ser esse o objetivo inicial, a roda de conversa acaba se tornando uma prática de cuidado. Uma participante do grupo traz uma fala que é bastante ilustrativa nesse aspecto: *a cura que aconteceu em mim foi encontrar vocês*. É interessante notar como esse processo ocorreu e ainda mais interessante é também tê-lo vivenciado. Desde o início da minha participação nos encontros ocorreram mudanças no meu modo de enxergar a gestação, o parto, a menstruação, a maternidade, etc. Mas a mais importante de todas foi a mudança na percepção sobre o meu feminino e sobre minha existência como mulher. O meu processo de vida me levou a uma espécie de distanciamento dessas questões, quando não, a incorporação de percepções alheias a mim. A partir dos encontros foi possível encará-los, diante de uma perspectiva mais íntima, como meus e, portanto, como passíveis de ressignificação. A frase “todo mundo convida a gente pra sair, mas nunca pra entrar”, dita por uma participante referindo-se aos encontros da roda, resume bem o contexto de introspecção e reflexão que proporciona.

As discussões proporcionadas pelos encontros ampliam a compressão sobre o feminino e sobre o ser mulher, partindo de uma positividade das questões relativas a esse

universo. Sejam elas biológicas ou culturais fato é que são questões construídas com protagonismo e valorização dentro de uma sociedade em que a existência feminina ainda se mantém à margem da objetivação masculina. Assim, espaços de reflexão e prática como o da roda precisam ganhar força e reconhecimento para que cada vez mais pessoas tenham acesso a outras possibilidades de compreensão, ação e existência.

Referências bibliográficas

AYRES, J. R. C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saude soc.** [online]. vol.13, n.3 [cited 2014-10-23], p. 16-29, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000300003&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-1290. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902004000300003>. Acesso em: 25/10/2014.

FERREIRA, N. S.C. (org.) **Supervisão educacional para uma escola de qualidade.** 1999.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer:** teoria e prática em educação popular. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

FREUD, S. Sobre a Sexualidade Feminina – E.S.B. vol. XXI, 1931.

LACAN, J. O Seminário – Livro 20 "mais, ainda" – Jorge Zahar Editor –RJ –1985.

LARAIA, Roque de Barros. **CULTURA - Um Conceito Antropológico**, Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR, 17ª ed., 2004.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1962.

MARTIN, E. **A mulher no corpo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MARTINS, D. M. B. **Corporeidade e cura:** o corpo em revolução, 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308278433_ARQUIVO_TRABALHOCOMPLETODanielaMartins.pdf. Acesso em: 23/10/2014.

MINAYO, M C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

NOGUEIRA, M. I; CAMARGO JR, K. R. A orientalização do ocedente como superfície de emergência de novos paradigmas em saúde. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 841-861, jul/set, 2007.

QUEIROZ, D. T. et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro; v.15, n.2,p.276-83, abr/jun 2007.

SIMON, A. A. Sistematização de processos participativos: o caso de Santa Catarina. **Rev. Bras. De agroecologia.** v. 2, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.aba->

agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/6353. Acesso em: 15/09/2014.

SORJ, Bila. “O feminino como metáfora da natureza”. Estudos Feministas, CIEC, Escola de Comunicação – UFRJ, v. 0, n. 0, p.143-150, 1992.

SOUZA, E. F; ALEXANDER, A. LUZ, M. T.. Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas. **História, Ciências, Saúde –Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.16, n.2 , p.393-405, abr.-jun. 2009.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: CosaicNaify, 2010.